

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (P. 6.)

Class.: Pastoral Indigenista /

Data: 11 de setembro de 1991

Pg.: _____

Missões

JBRO0030

Dialeto indígena pode morrer por culpa das missões

Em pouco tempo, se a Fundação Nacional do Índio (Funai) não cumprir a ameaça feita por seu presidente, Sidney Possuelo, de expulsar as missões religiosas das áreas indígenas, um dos principais traços das culturas indígenas de um grande número de nações espalhadas pela Amazônia — os dialetos — vai desaparecer. Até agora, as missões religiosas vinham descaracterizando os costumes e as crenças religiosas dos índios.

A denúncia de que os missionários passaram a interferir até nos dialetos indígenas foi apresentada, ontem, pelo líder indígena Orlandino Baré, membro da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. Ele está em Belém participando da Consulta Ecumênica Internacional sobre a Amazônia. Caso esta nova prática dos missionários se estenda por toda a região, graves danos terão sido causados aos índios e também aos estudos dos vários sistemas lingüísticos primitivos existentes na Amazônia.

Segundo Baré, 19 nações indígenas já adotaram o dialeto Tucano como "língua oficial". A iniciativa dos missionários, de acordo com ele, visa facilitar a comunicação entre missionários e índios. A insatisfação com a atuação dos missionários inclui, também, a extinção dos mitos próprios de cada aldeamento, e a sua substituição pela fé cristã. Mas como, sem uma decisão da Funai, nada pode ser feito, ele quer que pelo menos fiquem nas reservas as igrejas progressistas. "Já estamos cheios da igreja conservadora e o Cristo que ela anuncia já separou muito a gente; ficamos com medo do pecado".

A catequização dos índios não tem, atualmente, a aprovação da Funai. O superintendente regional, Salomão Santos, afirma que a catequese nas aldeias, de fato, tem criado rivalidade dentro dentro das várias etnias. "Os índios catequizados passam a hostilizar os outros e a desfazer de suas crenças", diz ele. Uma das principais consequências desse processo é o desaparecimento gradativo dos pajés.

Demarcação

Baré lamentou ainda a revogação, na semana passada, pelo ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, de todos os processos de demarcação da área indígena Yanomami, em Roraima. Ele disse que índios, seringueiros e ribeirinhos estão em completo abandono. Baré lembrou que o governo mandou implodir apenas uma pista na área Yanomami, na tentativa de afastar os garimpeiros. Apesar de todo o alarde, a pista foi logo recuperada pelos garimpeiros, acusados de introduzir doenças próprias dos brancos nos aldeamentos e difundir hábitos estranhos à cultura Yanomami.

O líder indígena denunciou que os narcotraficantes de Rondônia estão usando os índios Cinta-larga em seus negócios, repetindo mais ou menos o que acontece nos morros cariocas e na periferia das grandes cidades: na ausência do Estado, no caso a Funai, os traficantes passam a exercer total controle da situação, inclusive o papel de patrão das populações esquecidas.

Saúde e educação

Nos depoimentos prestados à Consulta, líderes seringueiros, indígenas e de pequenos agricultores disseram que estão na mesma: abandonados pelo poder público. Segundo eles, as 420 mil famílias de colonos que vivem ao longo de mil quilômetros da rodovia Transamazônica entre Repartimento (distante 80 quilômetros de Tucuruí) e Itaituba (1.200 quilômetros ao sudoeste de Belém) dispõem de apenas nove médicos e três hospitais.

Para as crianças dessa fronteira agrícola, as perspectivas são ainda piores. De acordo com os relatos, 79 mil crianças em idade escolar, na Transamazônica, estão fora das salas de aula. "A estrada não existe mais. Nós estamos no mais completo abandono", queixou-se Benildea Grings, do Movimento pela Sobrevivência na Transamazônica, que pede a recuperação da estrada, da agricultura e do meio ambiente, bem como a definição da questão agrária na região.

Benildea negou, com ênfase, que o pequeno agricultor é o predador da região amazônica. "Quem provoca toda essa depredação são os grandes projetos", disse a agricultora, há 18 anos na Transamazônica.

José Wilson Nunes, do Conselho Nacional de Seringueiros, denunciou o desvio de recursos assegurados no Pólonordeste para a reserva extrativista federal de Ouro Preto, em Rondônia. "Dos Cr\$ 22 milhões assegurados, a verba acabou em Cr\$ 12 milhões, com os quais foram adquiridos material escolar e material hospitalar, prometidos para junho, e que até agora não recebemos", afirmou. Em São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, um hospital com 250 leitos inaugurado no governo Sarney está jogado às traças, segundo Orlandino.

Baré criticou, ainda, o Projeto Cailha Norte, "que abriu as portas à mineradora Paranapanema com o apoio da Funai". Cerca de 50 mil índios vivem na região fronteira de Tabatinga, no Amazonas, até o Oiapoque, no Amapá, e estão sentindo a ocupação militar. Baré disse que os Wainiri-Atroari, nas cercanias da hidrelétrica de Balbina, estão vivendo num verdadeiro campo de concentração. "Eles só podem receber visitas com a autorização da Eletronorte, da Paranapanema e da Funai".